

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 166

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ass. assignantes teem desconto de 30 por cento. NÚMERO AVULSO, 30 REIS

4.º ANNO

Cartas d'Algueres

10 DE OUTUBRO.

Regresso de Lisboa, por onde andei quinze dias, e mal tenho occasião para dizer: cá estou.

Foram quinze dias em que não tratei de jornaes. Nem os li. E ainda não tenho tempo para voltar ás minhas caturricas.

Desculpem-me. Fui eu que tive culpa do *Povo de Aveiro* ter anunciado a continuação das minhas cartas, promessa que não se cumpriu. Mas ha muito que os crentes explicam isso, dizendo: o homem põe e Deus dispõe. Sirvano d'esta vez a explicação dos crentes.

Hoje, como já disse, só lhes posso dizer que cheguei, que estou muito bom, muito disposto a continuar a bater em ferro frio; mas para este domingo ainda não. Tenham paciência. Será para o outro. Já ter força de vontade para bater em ferro frio não é pouco. Porque, no fim de contas, tudo quanto n'este paiz é trabalhar pelo progresso, pela civilização, pela liberdade, é bater em ferro frio. E para isto é preciso coragem. A coragem do dever, que é a mais activa e nobre de todas.

O que eu poderia fazer era dar-lhes nota das minhas impressões. Mas, meus caros amigos, á parte os electricos, não houve em Lisboa nada que me impressionasse.

Os electricos, sim. Pelo menos, arrelhiaram-me e metteram-me medo. Tantos annos vivi em Lisboa sem receio de atravessar as ruas. Agora? E' obra.

E arrelhiaram-me. Uma vez metti-me n'um que ia para o Principe Real. Foi á rua do Arsenal. Pedi um bilhete para o Conde Barão. O homem ficou a olhar para mim. Ou para o Conde Barão ou para onde você quizer, respondi eu, vendo já que estava a fazer figura de aldeão. O homem deu-me um bilhete qualquer, pelo qual paguei o que elle quiz. D'alí a bocado, o carro subia a todo o panno pela rua do Alecrim.

Olha que massada! E eu que queria ir, de facto, para o Conde Barão!

Julgava eu que o trajecto dos novos carros era o trajecto dos antigos americanos.

D'outra vez vi outro que ia para o Largo das Duas Igrejas. Metti-me n'elle, convencido de que esse subiria, então, pela rua do Alecrim. Qual? Levou-me para a rua de S. Bento.

Jurei de nunca mais me metter, sózinho, em carros taes. E assim fiz.

De resto, muito bonitos, muito comodos, com uma bella si-

neta, tocando sempre para alegrar a gente, correndo a bom correr, se apaiuharem alguém apaiuharam, quem quizer que fuja, etc. Sim, senhores, gostei. E não digo por ironia. Gostei. Em ruas de muito transito, podiam ir mais devagarinho. Mas á parte essa nota de bruteza indigena, de desleixo, direi, de brandura de costumes, que é mais proprio, á parte essa nota—viva a pandega e quem morrer, morreu! —gostei. E tanto gostei que andei a vêr se alguém me explicava porque foi que os jornaes fizeram tamanha campanha contra aquillo. Que campanha! Foi uma coisa formidavel. E afinal aquillo é commodo, é barato e é lindo. E a respeito de morrer gente com descargas electricas parece que até agora só morreu um burro.

Não sei. E ninguem soube mais do que eu. Fiquei na mesma. Só um mágico me disse: veja o que os jornaes dizem a respeito da lei dos cereaes, que é a questão do dia, e talvez fique percebendo tudo.

Não fui vêr. Como já disse, não li jornaes. Mas ouvi que todos, ou quasi todos, chamavam ladrões aos moageiros e homens honrados aos lavradores. E percebi a ironia do mágico. O mágico queria dizer que a respeito do que dizem jornaes, temos conversado. Os nossos jornalistas não precisam, em regra, de estudar as questões. Sabem sempre o que dizem, embora muitas vezes venha a resultar o contrario de quanto disseram.

Não julguem com isto que vou defender os moageiros. Não. Não li jornaes. Mas contaram-me coisas que me fizeram rir, apesar da gente já não ter vontade de rir com coisas sérias n'este paiz.

Se é verdade, que asneiras se não teem dicto a tal respeito!

Mas deixemos isso. Só os moageiros são trampolineiros e ladrões. Os lavradores, os grandes lavradores, está claro, e com elles os açambarcadores de trigo, os especuladores, os contrabandistas, etc. são os homens mais honrados do mundo. Mas está em moda dizer que o Campos Junior é um grande romancista e que a *Visão de Jesus* é um grande romance. Em moda está chamar ladrões aos moageiros e quebrar lanças a favor da lavoura nacional. Que fazer? Contra as modas ninguém luta.

Eu já concedo que os moageiros sejam ladrões. O que não quero é que façam excepções para os homens dos trigos. Mas nem isso. Nem isso permittem. Viva o trigo e abaixo a farinha. Ora cebolorio.

E por aqui me fico hoje, que é melhor.

A. B.

O NOVO HOSPITAL

No dia 1 d'outubro de 1899 diziamos nós no *Povo de Povo*:

«Parece que a commissão encarregada de levantar o novo hospital de Aveiro escolheu o sitio da Senhora da Ajuda, os terrenos do sr. Agapito Rebocho, que ficam logo por detrás da capella, para construir o edificio.

Ora dá se o caso de toda a gente esperar que o hospital fosse edificado no sitio que estava de ha muito anunciado, ao sul do jardim. Ha um anno que um dos membros da referida commissão nos fazia o mais levantado elogio d'aquelle sitio, encarecendo as suas conveniencias debaixo de muitos pontos de vista.

Porque foi, agora, esta subita reviravolta? Não se tinha, até, pedido ao governo para decretar a expropriação dos terrenos de Santo Antonio e não tinha sido attendido esse pedido?

E' celebre!

Nós não dizemos que não hajam sitios, em Aveiro, tão bons como os de Santo Antonio, para a projectada edificação. Mas o que queremos saber, e temos direito a isso como órgão da opinião publica, é porque é que o sitio de Santo Antonio é mau. Que elle é melhor que o da Senhora da Ajuda, não offerece duvidas a ninguem.

Os terrenos de Senhora da Ajuda são limitados ao occidente e norte pela entrada da Malhada e isto basta.

E' pela entrada da Malhada que se faz o transporte de moligos e escassos. Ora os moligos, ora os escassos, exhalam um cheiro pestilencial que não são a melhor coisa, parecidos, para curar ou alliviar doentes. Além d'isso os carros fazem uma chiadeira infame e tambem nos parece que esse barulho do inferno não é a melhor coisa para diminuir dôres de cabeça.

Ao nordeste e leste ha o lavadoiro da Senhora da Ajuda e os terrenos baixos da quinta, humidos, quando não pantanosos. Junto ao tanque ha sempre porcarias, detritos, lamas fedorentas. A inferneira das mulheres casa-se admiravelmente com a inferneira dos carros.

Pois os senhores medicos acham o sitio da Senhora da Ajuda melhor que o de Santo Antonio? Porque?

Não duvidamos nada da capacidade dos illustres facultativos, mesmo porque não é preciso capacidade para tão pouco. Não é preciso estudar alta sciencia para saber qual é o sitio que está em melhores condições hygienicas. Basta meditar um pouco. Mas, por isso mesmo, é possível que no sitio de Santo Antonio haja inconvenientes que passem despercebidos ao geral da cidade.

Quaes são?

Se os illustres medicos e membros da commissão não são partidarios da infallibilidade, como o doutor Moligo, esperamos que tenham a bondade de informar o publico, por qualquer meio, em assumpto de tanta magnitudé.

De contrario, acreditaremos, como se diz por ali, que foram motivos reservados os que levaram a illustre commissão a preferir o sitio da Senhora da Ajuda ao sitio de Santo Antonio.

E, n'esse caso, obedecendo á nossa missão, teremos de voltar a publico falar sobre o assumpto.

Como se vê, protestámos a tempo e a horas contra a tremen-

dissima asneira de se construir um hospital no sitio da Senhora da Ajuda.

Foi esse sempre o papel do *Povo de Aveiro*. Nunca deixámos de zelar os interesses locais, pugnando por elles, apontando e estigmatizando erros, encarecendo e louvando melhoramentos e os serviços e meritos de todos aquelles que os praticaram.

E' certo que n'esta questão do hospital commettemos o erro de não insistir. Deviamos tê-lo feito. Confessamos. Mas como prometiamos voltar á questão no caso de ter sido por motivos reservados que a commissão resolvesse preferir o local da Senhora da Ajuda ao de Santo Antonio, e como o visconde da Silva Mello, e outros membros da commissão, garantiram ao nosso amigo Manuel Christo que taes motivos reservados não houvera, acerescentando o visconde da Silva Mello, áquelle nosso amigo, que parecia que o *Povo de Povo* só procedia por má vontade pessoal contra elle, terminámos a questão no numero seguinte, dizendo que nos affiançavam que o motivo da mudança de local fôra simplesmente uma questão de economia e que os medicos, reconhecendo a inconveniencia do transporte dos moligos, encontravam uma compensação a esse mal nas correntes d'ar que lavavam o local da Senhora da Ajuda, o que até certo ponto era verdade.

Como o nosso proposito não era melindrar nenhum dos membros da commissão, não quizemos insistir desde que se attribuia o nosso procedimento a má vontade pessoal. Foi um erro, repetimos. Deviamos ter insistido. Contudo, protestámos. O nosso protesto ficou bem assignalado.

Ultimamente voltámos á questão porque, como já dissémos, um medico muito illustrado nos disse, calorosamente, que era um verdadeiro crime construir um hospital n'aquelle sitio, que só em Aveiro poderia ir por deante, sem um protesto energico, uma monstruosidade de tal ordem, e que valia bem a pena abandonar as obras e perder todas as despesas com ellas feitas.

Assim é, realmente. Não alimentámos, porém, a esperanza, nem alimentamos, de vêr a asneira remedida. Logo o dissémos. Sabemos as cavalgadas com que estamos mettidos. Escusa, pois, o sujo papel dos francaceos de apregoar mais que a commissão ha de levar as obras por deante.

Que leve. Que se glorie do feito. Mas que fique bem assente que commette um crime, um verdadeiro crime. Fiquemos nós, aveirenses com amor á nossa terra, convencidos de que se pratica mais um grandissimo attentado,

mais uma enormissima monstruosidade. Fiquemos sabendo que esse attentado, essa monstruosidade, esse crime sobe de ponto com os reclames pelintras, ignobes, infames, feitos a varias individualidades politicas á custa do novo hospital, reclames infamissimos que concorrem para nos fazer voltar a publico precisar os nossos protestos e expandir a nossa indignação.

O sujo papel dos francaceos, com a estupidez e desvergonha que lhe são habituaes, querendo defender a monstruosidade não faz senão deixa-la patente aos olhos menos prevenidos. Diz a ignobil papeleta que em todas as cidades e villas passam carros, que em todas se fazem remoções de lixos e estrumes. Ora só o descaramento e o impodôr d'aquelles safardanas seriam capazes de produzir argumento de tal ordem. Querem comparar o movimento e a qualidade dos carros da Costeira, da rua Direita, ou de qualquer outra rua central da cidade, com o movimento dos carros de moligo e de escasso pôdre na estrada da Malhada, é um atrevimento só proprio das cavalgadas sem par que raliscam no orgão do sr. Magalhães Lima. Isto falando de Aveiro. Falando d'outras terras, onde não ha moligos nem escassos pôdres, onde as remoções de lixos e estrumes se fazem em condições especiaes, ou de noite ou de manhã, é mais asnatica ainda a petulancia.

O mesmo se pôde dizer em relação aos mosquitos. Falam em sciencia, os brutos, e em casos especiaes de averiguação certa de transmissão de doenças por meio dos mosquitos, como se os animaesinhos soubessem alguma coisa a tal respeito, ou a respeito de tudo aquillo que demanda conhecimentos e estudo.

O mosquito é o transmissor por excellencia do paludismo, que tanto vem affligindo Aveiro ha seculos, ainda que ultimamente pareça ter diminuido. E' do nosso tempo os destacamentos de infantaria serem rendidos de mez a mez, por terem metade do effectivo doente com sezões ao fim de quinze dias. Para essas baixas concorria, em especial, precisamente o terreno pantanoso que cerca o antigo quartel de Santo Antonio o que, agora, fica subjacente ao novo hospital.

As averiguações certas são as de Patrick, Manson, de Rossi, Koch, Celli, Grassi, Bignami e outros sábios distinctos, os quaes procedendo a experiencias, uns na India ingleza, outros na India hollandeza e outros na Italia, chegaram á conclusão decisiva de que o parasita do paludismo, descoberto pelo dr. Laveran, medico francez, era introduzido no corpo humano pelos mosquitos.

O FAMOSO PINTO

O tribunal da Relação do Porto, em sessão de terça-feira, revogou a sentença com que o famoso Pinto condemnara em policia correctional o nosso amigo sr. Manuel Christo.

A tal respeito diz o illustrado correspondente, em Lisboa, do nosso colega *Progresso de Aveiro*:

«Acabo agora, 6 horas da tarde, de saber, pelo *Commercio do Porto*, que o tribunal da Relação do Porto na sua sessão de hontem revogou a sentença do sr. Francisco Antonio Pinto, juiz d'essa comarca, que condemnou, contra todos os principios da justiça, pelo supposto crime de offensas corporaes, o sr. Manuel Christo, d'essa cidade, e irmão do sr. capitão Homem Christo, redactor do *Povo de Aveiro*, a quem o sr. juiz Pinto declarou guerra de exterminio.

Ha dois mezes o sr. juiz Pinto soffreu um tremendo chéque na Relação com o Accordam que eliminou os 30 dias de cadeia a que aquelle magistrado condemnara o editor do *Povo de Aveiro*, por um delicto insignificante que consistiu em ser appellidado de cavalgada n'aquelle jornal um negociante d'essa cidade. Agora levou o sr. juiz Pinto mais este grande bigode...

Bem sei que não é desaire para um magistrado o facto de as suas decisões serem revogadas pelos tribunaes superiores. Mas esse desaire existe quando um juiz vê revogadas todas as suas sentenças respeitantes á mesma entidade.

No caso presente o sr. dr. Pinto era apontado como parcial na decisão, por causa da attitudão do *Povo de Aveiro* contra este juiz e contra o partido francaceo de que elle é apaixonado devoto.

Por isso, a opinião esperava, com grande ansiedade, o resultado do julgamento, para ficar em evidencia que o sr. juiz Pinto ao proferir a revoltante sentença que condemnou o sr. Christo, foi mais uma vez injusto e faccioso, quando a sua posição especial mandava que elle mantivesse a linha de correção que todo o magistrado deve sustentar.

Pódem os defensores do sr. juiz Pinto barafustar á vontade; o que elles não pódem é desfazer a impressão produzida pelos successivos accordãos, que tem revogado as suas revoltantes sentenças contra pessoas que interveem na direcção do *Povo de Aveiro*.

Hontem era o tribunal de Vagos que absolvía o *Povo de Aveiro*, contra a opinião do sr. Pinto, e a Relação do Porto que absolvía da pena de cadeia o editor do mesmo periodico. Hoje é o mesmo tribunal que revoga a inqualificavel sentença que condemnou o sr. Manuel Christo.

Termino como já ha tempo escrevi a proposito do penultimo chéque que a Relação deu no actual juiz da comarca d'Aveiro: Limpe-se a este guardanapo, sr. dr. Francisco Antonio Pinto!

E' assim mesmo. Cada vez se prova mais o facciosismo do celebre juiz e o rancor que elle nutre contra tudo que diz respeito ao *Povo de Aveiro*.

Rancor, aliás, reconhecido pelos proprios amigos do famoso Francisco Antonio Pinto. Assim, temos em nosso poder uma carta em que um advogado da comarca, seu intimo amigo, nos aconselhava vivamente a da-lo

por suspeito quando foi do processo instaurado no *Povo de Aveiro* por offensas á religião do estado.

N'essa carta diz o tal advogado, seu intimo amigo, tudo quanto ha de peor contra elle, declarando-nos que se o não dessemos por suspeito teriamos de amargar a ingenuidade.

Façam idéa. Tudo dicto por um advogado na comarca, o que tem muita importancia, e amigo intimo do Pinto, o que mais importancia tem ainda.

Façam idéa!

Tres vezes os tribunaes reconheceram já a má vontade do Pinto ao *Povo de Aveiro*. E mais uma vez a teriam reconhecido se um illustre dançarino, muito conhecido n'esta terra, não tivesse feito, por tração ou imbecilidade, com que nós não poderemos appellar d'outra sentença que injustamente nos condemnou.

Traidor ou imbecil. Fosse como fosse, impediu-nos d'appellar. E foi essa a unica condemnación, e por tal motivo, que subsistiu contra os individuos que representam o *Povo de Aveiro*.

Não tem duvida. As pendencias ainda não acabaram. E nós cá estamos, para o que dér e vier.

Praça de touros no Pharol

Em consequencia do mau tempo que tem feito n'estes ultimos dias, resolveu a empreza d'esta praça adiar para o proximo domingo, 19 do corrente, a deslumbrante tourada annunciada para hoje em seu beneficio.

Chamamos, pois, a attenção dos aficionados para o annuncio que a empreza faz publicar na 3.^a pagina d'este jornal.

A «Resistencia» nos tribunaes

Os nossos distinctos collegas da *Resistencia*, srs. drs. Arthur Leitão, Costa Ferreira e o editor, sr. Manuel d'Oliveira Amaral, prestaram na quarta-feira fiança no tribunal judicial da comarca de Coimbra, em virtude da *Resistencia* ter sido querellada por uns artigos publicados n'aquella folha republicana. Em breve será marcado o dia para julgamento, estando encarregados da defeza os notaveis causidicos srs. drs. Manuel d'Arriaga, Alexandre Braga e Affonso Costa.

Cá e lá!...

Como dissémos, a intriga regeneradora procurou sempre inutilisar o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Foi este cavalheiro quem conseguiu levar um nosso amigo que não tinha com elle, aliás, relações de qualquer ordem, a aceitar a comedia proposta pelo sr. Jayme Lima, aquella comedia que tem sido assumpto de curiosos artigos n'este semanario. Dois ou tres dias depois, servido o morgado do Carmo, era o referido nosso amigo mandado sahir de Aveiro pelo ministro da guerra.

Uma formidavel patifuria. Quem fôra o seu auctor? O Gustavo, disséram logo, voz em grita, os maiores da regeneração. E d'isso, que era uma infamia arranjada pelos regeneradores para comprometter o sr. Gustavo, ficámos nós convencido muitos annos.

Mais tarde, quando os regeneradores miseravelmente se arrastavam aos pés do mesmo nosso amigo, mendigando d'elle a inutilisação da firminada, o que conseguiram na questão das irmãs da caridade, era sempre o sr. Gustavo o accusado por elles de causador de todas as traições dos regeneradores.

«Os dirigentes, escrevia aquelle que os francaceos quizeram fazer presidente da camara quando foi eleito o sr. Gustavo, os dirigentes que se dizem regeneradores, não tendo feito coisa alguma para chegarem á situação em que o amigo os collocou, já pensam

em predominar na politica do districto, quando a situação mudar, e começam a desdenhar dos homens que nos outros concelhos se tem sacrificado e trabalhado. Veja que choldra. Parece-me que haverá muito que fazer e dizer, então.»

Qual era, d'esses dirigentes, aquelle que, na opinião dos intriguistas, se salientava mais? O Gustavo, é de vêr. O Gustavo, diziam elles todos.

Ora ouçam outra vez o homem que os francaceos quizeram fazer presidente da camara quando o sr. Pinto Basto foi eleito.

«Pela nossa parte nomeou-se a commissão de vigilancia, mas nada vigia. Para se tratar dos preparativos da eleição, não foi possivel reunir a maioria d'ella.....

Olhe que nem ainda apresentaram o recurso contra as falsificações da relação dos irmãos! Encarrégaram isso ao Gustavo. Ha de sahir obra assejada!»

N'outra carta:

«Emquanto á eleição não posso dizer-lhe quando ella se realisará. Nada consta a este respeito. Se está indicado o dia, só os malandros o sabem. Elles trabalham sem descanso e ainda um d'estes dias houve reunião d'irmãos em casa do capitão da companhia.

Estou ansioso por saber se o ministro cede, ou não. O que houver a este respeito, diga-o immediatamente.

Meu irmão parte amanhã para Braga. O Gustavo não se sabe ainda quando irá. O homem quer obter licença e diz que se lh'a não dêrem pede para passar á inactividade.»

N'outra carta:

«Recebi a sua carta e vejo o que me diz. Não deixe esfriar o combate. Empregue todos os meios para enterrar esses malandros e creia que por mais esforços que façamos certamente seremos vencidos, porque o jacobinismo progressista cerca os ladrões. E o peor é que entre os nossos ha symptomas de desanimo. Gustavo está mostrando o que é—prepara-se para desmentir com declarações dos proprios a accusação que lhe fazem de ter pedido votos a empregados das obras publicas e n'essas declarações tenta deixar meu irmão a descoberto. Se tal fizer hão de ajustar-se contas com este trampolinheiro.»

Basta.

Cartas como a d'esse cidadão, temos outras, de marechal de Lilipt e varios. Era sempre o Gustavo o culpado de tudo.

As cartas ficam á disposição de quem offerecer duvidas.

Estavam então os progressistas no poder.

Em 1890 cahiram os progressistas e subiram os regeneradores. Em casa do fallecido José Antunes houve uma reunião eleitoral. O novo governo, naturalmente, ia proceder a eleições. N'essa reunião, declarou-se Jayme Lima regenerador, elle que tinha sido socialista, republicano e progressista. Era então occasião de ajustar contas com aquelles que mais tinham contrariado a colligação contra as irmãs da caridade.

Ora quem era, na opinião de todos os regeneradores, o maior culpado? Já se viu: era o Gustavo. Contra este, pois, se voltavam, de preferencia, então, as nossas iras.

Sempre, para nós, a questão de interesse publico e de principios acima de tudo.

Segundo os regeneradores, fôra Gustavo quem depois de ter recorrido á generosidade de um nosso amigo, provocava contra elle uma resolução do ministerio da guerra. Isso fôra em 1884. Seria motivo demasiado para investir desde logo com elle. Não o fizemos, porém. Deixámos correr o tempo e só quando Gustavo é

A tal respeito, leia-se o curioso artigo publicado pelo dr. Cartaz na revista scientifica *La Nature*, em dezembro de 1900.

E' o mosquito *anopheles*, e as suas variedades—*claviger*, *pictus*, *pseudopictus*, *superpictus*, *bifurcatus*, todas perigosissimas, o transmissor do paludismo. O mosquito vulgar, *culex pipiens*, parece ser inoffensivo. Mas a prova de que o *anopheles* existe entre nós está na circumstancia das febres palustres terem sido sempre uma das doenças dominantes n'esta região.

Diz o dr. Cartaz, no artigo citado, que o *anopheles* depõe os seus ovos com abundancia nas aguas estagnadas dos fossos e dos charcos.

Estes charcos existem nas regiões onde faltam os cuidados hygienicos, de tal fórma, accrescenta o auctor, «que se pôde dizer, com ironia amarga, que os *anopheles* são verdadeiramente pequenos animaes domesticos.»

Ora é exactamente o que acontece entre nós, que não temos nenhuns cuidados hygienicos. Das malladas dos molicoes, que ficam precisamente, as principaes, a pouca distancia do novo hospital, e na direcção dos ventos dominantes, erguem-se verdadeiras nuvens de mosquitos. Não são estes os mais perigosos, como inoculadores do microbio do paludismo. Mas são uma praga incommoda, terrivelmente incommoda para os doentes e da qual não ha meio de os livrar. Dos charcos produzidos pelo lavadouro da Senhora da Ajuda, porém, charcos pestilenciaes, como, por vezes, temos observado, e, sobretudo, dos terrenos pantanosos subjacentes, ergue-se o terrivel *anopheles*, que ha de ser, no novo hospital, necessariamente, causa d'uma nova doença, das mais importantes e perigosas. Era elle, sem duvida, que dizimava os soldados no antigo quartel de Santo Antonio. (1)

E eis o hospital convertido em fóco de doenças e em fóco de torturas.

Construir um hospital n'aquelle sitio é um verdadeiro crime. Esta é que é a verdade incontestavel.

Diz a immunda papeleta dos francaceos que não ha casa em Aveiro onde não haja mosquitos. Este argumento é da natureza do outro do movimento dos carros e da remoção dos estrumes, e, pela consciencia com que se adduzem argumentos de tal ordem, se vê logo a razão com que nós estamos falando.

Se em todas as casas ha mosquitos, n'umas ha muito mais do que em outras. E onde ha mais, onde elles se tornam insupportaveis, é nas casas dos bairros vizinhos das malladas do molico.

Ora do mal o menos. Assim foi em todos os tempos.

Desconhecem-se os meios de defeza? pergunta o rabiscador animalinho. Sem duvida que os desconhece o réles borrabotas. Se os conhecesse não faria a pergunta, que demonstra mais uma vez a sua ignorancia e a sua estupidez.

Os meios de defeza são a desinfeção pelo petroleo e pela polvora, certas côres da anilina, o

cheiro das cinerarias e chrysanthemos, etc, meios quasi sempre impraticaveis. As cavalgadas d'Aveiro inundam de petroleo os terrenos pantanosos subjacentes ao local escolhido para construcção do edificio do hospital? Collocam vasos de cinerarias e chrysanthemos nos quartos dos doentes?

O meio de defeza que inspira maior confiança ao dr. Cartaz é um bom mosquiteiro, de malhas finas, bem impenetravel.

As cavalgadas do novo hospitalinho vão dotar o edificio com mosquiteiros n'essas condições?

Cavalgadas sem igual!

A repugnante papeleta conclue que á vista da planta e de uma lucida, completa e conscienciosa exposição feita pelo sr. Silva Rocha o local escolhido foi approved por peritos competetissimos. Pois é notavel que fosse o mesmo sr. Silva Rocha o vogal da commissão a que se refere o artigo publicado no *Povo de Aveiro* em 1 de outubro de 1899, aquelle vogal que andando a examinar com o auctor d'estas linhas varios pontos da cidade, em 1898, calorosamente advogava o local primeiramente escolhido, ao sul do jardim.

Não diremos que este local fosse o melhor. Mas sempre era bem melhor que o da Senhora da Ajuda.

Se os peritos eram competetissimos estavam a dormir quando o sr. Silva Rocha fez a sua lucida exposição. E o que é certo, e o que toda a gente sabe em Aveiro, é que o dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo, que era um medico consciencioso e illustrado, protestou sempre contra a escolha do local da Senhora da Ajuda, dizendo em toda a parte que era mau.

Mas ainda temos muito que dizer a tal respeito.

Já agora não terminaremos sem demonstrar toda a monstruosidade com que se procedeu.

Sempre os mesmos, estes abominaveis sacripantas! Os mesmos que queriam inutilisar a estatua, os mesmos que encheram de horrorosos defeitos o quartel, reputando-o agora o primeiro do mundo, os mesmos que quizeram estragar o lyceu, os mesmos que veem enchendo a cidade, ha tantos annos, de aleijões de toda a ordem.

Mas a monstruosidade do hospital excede as outras todas, porque já não é, apenas, um edificio estragado. São os miseros dinheiros tão minguados, tão escassos, a empregarem-se n'uma obra, que devendo ser de sanidade, é de incommodos, é de doenças, é de tortura para os pobres e desgraçados enfermos. E fazendo-se á sombra d'ella a mais escandalosa especulação politica que se poderia imaginar.

Um crime. Um verdadeiro crime. O maior crime que se tem commettido n'esta terra.

Cambios

Está a 12 o cambio do Brazil sobre Londres.

Libra no Brazil: 20\$000 réis; em Portugal, 5\$688 réis, 100\$000 réis fortes, 352\$083 réis.

«Povo de Aveiro,,
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

(1) Está provado que o mosquito *anopheles*, ou alguma das suas variedades, existe em todos os terrenos pantanosos.

MALANDRINS

insistentemente accusado de prejudicar uma questão de princípios, de contrariar a colligação para a expulsão das irmãs da caridade, nós temos indignação bastante para o atacar.

Era verdade, o que nos diziam? Não era verdade? Nós supunhamos que sim. Hoje supponhamos que não. O sr. Pinto Basto era odiado, como todos os homens que tem idéas e faculdades de trabalho. A todo o transe se queria impedir que elle mostrasse essas faculdades. Faz-se o mesmo com todos, n'este meio torpissimo, em eguaes condições. E para o conseguir serve a intriga, serve a calúnia, serve a mentira, serve tudo. E' o que nos tem ensinado a experiencia da vida. Mas verdade ou não, certo é que quando o sr. Pinto Basto mostrou publicamente os seus dotes intellectuaes, quando deu provas do seu amor á causa publica, quando prestou relevantes serviços a esta terra, nós não dividíamos nem hesitámos em o applaudir, em o louvar, em o apoiar contra a colligação dos mediocres, dos inúteis, dos torpes, em o incitar a progredir.

Tão nobre é esse procedimento, d'elle tanto nos orgulhamos que nem um repellido de nojo nos merecem aquelles que no-lo arremessam ao rosto.

Sim; nós censurámos, nós atacámos o sr. Pinto Basto, quando aquelles, que se arrastavam a nossos pés, pedindo-nos que esmagassemos os seus inimigos, do que elles nunca tinham sido capazes, o apontavam como o estorvo dos nossos principios, como o embaraço teimoso aos nossos ideaes, como o enredador do nosso grande trabalho.

Atacámo-lo em nome do interesse publico. Mas quando elle se tornou servidor do mesmo interesse publico, quando elle resgatou os seus erros, se os tinha, se não era victima, como julgamos hoje, d'uma infamissima intriga, quando elle se tornou um benemerito d'esta terra, quando appareceu o melhor presidente de camara que Aveiro tem visto nos ultimos quarenta annos, com a mesma sinceridade com que o atacámos, com o mesmo ardor com que o ferimos, com a mesma sinceridade o louvamos, com o mesmo ardor o exaltámos.

Bem sabemos, miseraveis, que não comprehendéis um tal procedimento. Nem por isso deixa de ser um procedimento honrado e digno.

Eternos pelintrões!
Eternos miseraveis!

José Branquinho

De passagem para o Porto, esteve na segunda-feira, n'esta redacção, onde o abraçámos, o nosso particular amigo e patriocio José Branquinho, distincto jornalista e mavioso poeta vizien-se.

Este nosso talentoso amigo foi collocado na inspecção de instrucção primaria com séde n'aquella cidade.

Damos-lhe por isso os nossos sinceros parabens, e agradecemos a deferencia da sua amavel visita. C.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	900
» amarello.....	900
» mistura.....	800
» caraça.....	1\$000
» frade.....	800
Milho branco.....	560
» amarello.....	540
Trigo gallego.....	1\$060
» tremez.....	940
Batatas 15 kilos.....	240
Ovos, duzia.....	160

O redactor principal d'este semanario, sabe-o todo o mundo, não vive em Aveiro. N'essas condições, só conhece, anticipadamente, dos artigos publicados em cada numero, aquelles que elle escreve. Os outros, devem ser subordinados á orientação geral do periodico, por quem os escreve ou transcreve, mas pôde, uma vez por outra, deixar de succeder isso. E já tem succedido.

Mas o pulha, que dirige o pasquim dos francaceos, esse está em Aveiro. Esse lê ou deve ler tudo quanto se publica no seu periodico. Esse tem, necessariamente, a responsabilidade de tudo quanto lá se publica.

O redactor principal do Povo de Aveiro pôde ter uma responsabilidade muito indirecta n'aquillo que se publica sem seu conhecimento. E essa não a nega. Mas tem sempre o direito de observar que nem foi elle que escreveu, nem pode evitar, algumas vezes, que se escrevesse. O jornal completa-se na sua ausencia. E ainda não arranjámos arames para serem transmittidos, a tempo, os artigos que vão ser publicados.

Na ausencia do redactor principal do Povo de Aveiro, ha, porém, aqui, uma entidade, um homem que o substitue, um homem que dirige este jornal, e que não só assume a responsabilidade d'aquillo em que esse é responsavel, como, até, d'aquillo de que os outros se declaram responsaveis, quando os pulhas e os covardes, que só em Aveiro se criam, pulhamente e covardemente lh'a vão pedir, como já tem feito.

Mas o ignobil tratante, o bilre repugnante que é, para toda a gente, o redactor principal do orgão do sr. Magalhães Lima, esse safado jesuita, que está em Aveiro, bem como o sr. Magalhães Lima, é que não toma a responsabilidade de coisa nenhuma. Nem elle, nem o sr. Magalhães Lima. Estão em Aveiro, podem ler todos os artigos que se publicam no repellente papel, um d'elles, lê-os sempre e, com tudo, não se pejam de dizer que aquillo é uma cloaca, onde cada um despeja á sua vontade.

Isso é que é infamissimo. Isso é que demonstra bem o valor moral da turba-multa que rabisca no pasquim.

Na questão do juiz, houvesse ou não houvesse escripto o sr. Alvaro de Moura qualquer coisa a tal respeito, certo é que o malandro, o hypocrita deslavado, viu, lêu o que se escrevia, não se oppoz, não protestou, não sahio do jornal, logo assumiu voluntariamente a solidariedade do que se escrevia.

Tanto, que foi o malandrote quem continuou a debicar com o Caganifancia, até ao ponto de andar á unhada com elle debaixo dos Arcos.

Não ha character mais safado n'esta terra que o d'este malandrim!

O que se diz a respeito do juiz, diz-se a respeito do mercado. A solidariedade do canalha tambem ahí é manifesta e patente. Assim como o malandrim ficou a debicar com o Caganifancia, assim debicou com o mercado. Algumas das locaes eram d'elle. Só d'elle. Não teve, pois, apenas a responsabilidade da solidariedade. Foi mais longe. Teve a responsabilidade de auctor.

Pois o malandro nega tudo! E' o jesuita mais impudico, mais cynico, de quantos a classe tem produzido em Aveiro.

Um safadissimo breg-iro.

As cartas d'esse desavergonhadissimo mariola, que temos em nosso poder, e que todas ellas havemos de publicar por extenso retratam-no admiravelmente. Em todas aquellas que se seguiram á primeira garotice do Cabecinha, garotice que elle lhe ensinou, no fim de contas, elle, o patrão e va-

rios sucios da mesma egrejinha, diz-nos elle que sahe do jornal para não ser solidario com as aggressões que o garoto nos dirigia.

Logo, era elle a admitir, claramente, que sempre que ficou quando foram dirigidas aggressões a algum foi solidario n'essas aggressões.

O mariola, que quer agora fugir á responsabilidade dos ataques dirigidos ao celebre Francisco Antonio Pinto, attribuindo a responsabilidade exclusiva ao sr. dr. Alvaro de Moura!

O mariolão, que ri e folgou com todas as troças ao mercado, que molhou a sopa com aquelles ares de garoto que lhe são habituaes, que andou á unhada com o Caganifancia e que nos sahe agora a dizer que em tudo isso sacudiu a casaca e os pés.

Até foi de accordo com o Cabecinha que supprimiu as injurias ao dr. Alexandre de Sousa!

Vejam os alguns periodos d'uma das taes cartas.

E' esta, que tem a data de 8-1-902. Ora ouçam:

«Nos termos em que as cousas tem estado, eu podia tolher ao Accacio a publicação de qualquer escripto seu? Entendo que não. O que eu entendi que podia e devia fazer—foi o que fiz: disse-lhe: v. meite-se n'isso e em termos que não me agradam? n'esse caso saio do jornal. E' o que faço.

O Accacio já me poz, d'outra vez, em talas, por causa d'elle: foi quando escreveu uns destemperos a respeito do juiz Alexandre de Souza: tinha processo á certa; e não houve remedio senão recorrer ao expediente de inutilisar a edição e imprimir outra com o espaço em branco correspondente ao artigo d'elle.

Eu devia ter tomado então a resolução de não querer mais tal camaradagem. Não o fiz inteiramente. Mas agora espero que não sairá d'alli novo desgosto.»

Que mariolão! Que mariolão! Quem acreditará, lendo isso, que foi de accordo com o outro que elle inutilizou a edição?

Se a inutilizou d'essa vez, porque a não inutilizou quando foi do ataque ao celeberrimo Pinto?

Se elle entendeu que podia e devia sahir do jornal, porque o outro escrevia em termos que lhe não agradavam, entendendo que podia e devia ficar quando o sr. Alvaro de Moura escreveu contra o celebrado e celeberrimo Pinto, é porque os termos em que o sr. Alvaro de Moura escreveu lhe agradaram.

E estalfa-se agora a alijar responsabilidades.

O mariolão!
E diz que devia ter repellido ha muito a camaradagem do outro.

O mariolão!
Como se o diabo algum dia houvesse sahido dois borbotas que melhor se entendessem e melhor se completassem.

São dois garotos.
Dois puros garotos.
Desvergonhados, impudicos, deslavados, como todos os garotos.

Isso, e só isso.

O NOVO BAIRRO

Dámos em seguida as bases do accordo feito entre a camara municipal d'este concelho e o proprietario do terreno, sr. Antonio Luiz de Souza, para a abertura do novo bairro da Beira-Mar, cujo projecto tem de ser approvedo pelas estações competentes a que foi submettido. Logo que seja approvedo dar-se-ha principio aos respectivos trabalhos:

«A Camara Municipal de Aveiro, representada pelo seu presidente e o abaixo assignado proprietario da quinta denominada da Apresentação, sita no bairro piscatorio, da freguezia da Vera-Cruz, da cidade de Aveiro, reconhecendo a necessidade de facilitar ao uso do publico, por meio de venda ou aforamento a extensa superficie do terreno que esta quinta alli occupa, afim de dar expansão ao natural desenvolvimento das edificações d'este

bairro, que não tem dentro da sua área outro local proprio e adequado;

Considerando que este bairro, altamente industrial e commercial e cuja população cresce de dia para dia, em numero e haveres, é susceptivel, e torna-se mesmo credor de uma larga ampliação tendente a melhorar e beneficiar as suas condições locais e de salubridade publica, rasgando novas ruas, dando maior numero de communicações ás actuaes e procurando desaglomerar a população que alli se acha concentrada em ruas estreitas, tortuosas e mal orientadas;

E desejando conciliar mutuos e legitimos interesses com os do publico e as condições geraes e estheticas d'esta parte da cidade; as quaes cumpre ao municipio estabelecer, observar e tornar effectivas; concordam no seguinte projecto:

1.º O proprietario da Quinta da Apresentação faculta ao publico a aquisição do terreno na sua quinta por meio de venda ou aforamento, depois de arruada e dividida em diferentes talhões, conforme a planta que acompanha este projecto.

2.º A Camara Municipal, em compensação do alto beneficio que d'esta concessão resulta para aquelle bairro, toma sobre si o encargo de todas as despesas de terraplenagens e expropriações necessarias para a regularisação d'estas ruas e sua communicação com as actuaes, ficando apenas a cargo do proprietario a vedação dos terrenos postos á venda, a qual poderá ser feita por emquanto com um simples tapamento de madeira.

3.º A largura das ruas deverá ser de seis metros, e não poderá sob pretexto algum ser alterada a sua disposição constante da respectiva planta.

4.º A abertura das novas ruas e sua regularisação irá sendo feita gradualmente, em harmonia com os recursos de que a Camara poder dispôr para este fim, e á medida que os terrenos a que devem servir, forem sendo alienados.

5.º O proprietario da Quinta d'Apresentação cede gratuitamente ao municipio toda a superficie de terreno que lhe pertencer e for occupado pelas novas ruas que se acham projectadas, e constam da planta junta, reservando-se porém o direito de exigir a competente indemnisação quando este plano seja alterado sem prévio accordo seu.

6.º Qualquer duvida que de futuro se levantar sobre a execução d'este contracto será decidida por meio de arbitros, sendo um nomeado pelo proprietario dos terrenos, outro pela Camara Municipal e o terceiro de commun accordo entre ambas as partes, ou pelo Juiz de Direito da Comarca a requerimento de qualquer das partes quando este accordo não possa ser realiado.

7.º Este contracto principiará a vigorar logo que se ache approvedo pela Camara Municipal e respectivas estações tutelares. Aveiro, 29 de setembro de 1902.»

Ha coisas que só merecem referencia porque os tolos são muitos. De outra fórma não mereciam referencia nenhuma.

Combater a nomeação do sr. Francisco Regalla para governador civil substituto seria asneira por todos os lados. Asneira, porque o combate só é effiz em actos d'eleição popular, e antes d'elles. Nomeações feitas pelo governo estão feitas. Não se alteram por artigos de jornaes. Asneira, porque a eleição do sr. Francisco Regalla, feita pelo corpo eleitoral aveirense, era um attentado ás tradições liberaes d'esta terra. A sua nomeação para governador civil substituto não representa attentado nenhum a essas tradições. Asneira, porque o lugar de presidente da camara é muito importante. O de governador civil substituto não tem importancia nenhuma. Asneira, porque a combater-se o sr. Francisco Regalla como governador civil substituto só teria cabimento quando elle estivesse em exercicio e quando elle tivesse motivo a esse combate.

Mas que querem? As bestias da papeleta do sr. Magalhães Lima dêram em suppôr que nos causam grande prejuizo a perguntar-nos porque não atacamos a nomeação do sr. Regalla para governador civil substituto, e rós não temos remedio senão dizer o que ahí fica, desde que não faltam bestias como ellas.

Mas ficou dicto tudo por uma vez.

Por muitas bestias que haja, suppomos que, a tal respeito, não será preciso dizer mais nada.

A bella da dobrada!

As quintas-feiras, sabbados e domingos no restaurant CYSNE, aos Arcos.

Principiou hontem.

PRAÇA DE TOUROS
NO
PHAROL DA BARRA DE AVEIRO

Domingo, 19 de outubro
ÀS 2 HORAS DA TARDE

Apparatososa corrida de 7 bravissimos touros da Borda d'Agua
EM BENEFICIO DA EMPREZA

CAVALLEIRO — O festejado sportman, Alfredo de Sousa.

ESPADÁ — Antonio Louzada (El Neno).

BANDARILHEIROS — Antonio da Costa, Antonio Gonçalves e o arrojado amator Antonio Ribeiro.

Toma parte n'esta corrida a celebre hespanhola, fascinadora de touros, seiorita M. Eulalia Espinosa, que, n'um pedestal, fará a sorte de Don Trancredo, a qual assombrará o publico com o seu prodigioso trabalho. Pelo seu poder fascinador, dominará um dos touros no seu primeiro estado de bravura, estando ella só na arena, perfeitamente immovel.

Em todas as praças de Hespanha assim como nas de Portugal tem, pois, assombrado os aficionados. Tal é o arrojado da sympathica artista hespanhola, cuja photographia está em exposição na tabacaria do sr. Torres, aos Arcos.

Um valente grupo de moços de forcado Aveiro farão as pégas nos touros que lhe forem determinados. Um dos bois será bandarilhado pelo mesmo grupo

Preços: — Camarotes de sombra, 2\$320 réis — Ditos de sol, 1\$620 réis — Logares reservados, 420 réis — Sombra, 320 réis — Sol, 160 réis.

Todas as pessoas tem transporte de ida e volta em barco, mediante a quantia de 60 réis, quantia esta que será paga na occasião da compra dos respectivos bilhetes, que desde já se encontram á venda na Venezia Central, aos Arcos, e no estabelecimento do sr. Arthur Pinheiro, ás Cinco Ruas.

ULTIMA CORRIDA DA EPOCA
A LOS TOROS!

COISAS DE LONGE

O crime d'um louco—Amor e morte—Horriavel assassinato

Den-se, ha dias, em Paris, um crime, só explicavel pela loucura do seu auctor. Vamos narral-o:

Ha approximadamente um anno, vivia n'um 4.º andar d'um esplendido predio da Avenida de Clichy, Thomaz Loste, solteirão de 33 annos, filho de commerciantes bordelezes e bastante mysterioso em todos os seus actos. Não tinha nenhuma occupação e passava aos olhos de toda a gente por excêntrico e desequilibrado.

Recebia da familia uma meza-da de 500 francos, que lhe bastava para viver; mas o ocio aborrecia-o; procurou algumas vezes obter qualquer collocação, e todas as suas tentativas falharam.

—Não anda a roda da Fortuna para o meu lado,—dizia elle ás vezes.—Nunca foi capaz de alcançar o que desejasse...

No mez de julho ultimo, Loste deu um passeio em que reparou n'uma linda e elegante rapariga de bellos cabellos castanhos; dirigiu-se-lhe, e depressa começaram para ambos, relações intimas. A rapariga chamava-se Martha Perrin, de vinte annos, e vivia só, tendo chegado ha pouco tempo a Paris.

Tinha sido amante d'um veterinario militar, que partira para

Madagascar depois de reconhecer-lhe um filho.

Quasi todos os dias Martha Perrin, ali pelas onze horas, vinha á casa da Avenida Clichy e almoçava com o novo amante. Na penultima quinta-feira, succedeu isto como de costume, e nada fazia prever os dramaticos acontecimentos seguintes:

As duas horas da tarde, travou-se discussão entre ambos, a proposito de Loste censurar a Martha a sua garridice, dizendo-lhe que a vira sorrir ás fortadellas para um visiuho que morava do outro lado da rua. Martha Perrin pretendeu desculpar-se. Mas foi atalhada pelo solteirão, que disse:

— Amo-te muito mais do que tu a mim. E a prova, é que vou commetter deante de ti um acto que tu não serias capaz de praticar por minha causa!

E entrou no aposento contiguo áquelle em que estava. Quando voltou, trazia um frasco, que destapou, bebendo todo o conteúdo.

— Sabes o que estava aqui dentro? — perguntou elle a Martha. — Landano e tintura d'iodo. Envenenei-me, vou morrer involuntariamente. Bem vês que te adoro.

Então, a pobre rapariga, assustadissima, espavorida, veio para ao pé do amante e affirmou-lhe a sinceridade do seu amor, fez juras, chorou copiosamente.

N'esse instante, Loste agarrou-a pela garganta, deitou-a ao chão, estrangulou-a. Como a infeliz Martha gemia e se contorcia, o miseravel leuco foi buscar a sua navalha de barba, e cortou-lhe o pescocão, até separar-lhe quasi completamente a cabeça do tronco.

Depois d'estas atrocidades, enterneceu-se, lavou-lhe a cara e arranhou-lhe as saias, todas amarradas pela lueta.

Esteve mais de duas horas ao pé do cadaver. Quando o frio da morte já a invadira de todo, o assassino vestiu-se e foi passear nos boulevards de Paris.

A noite, visitou um seu irmão e contou-lhe o crime. Este não queria acreditar mas Thomaz Loste insistiu tanto que o irmão disse-lhe:

— Então, se isso é verdade, vae entregarte á policia.

E o misero obedeceu como em somnambulismo. N'uma esquadra qualquer da cidade, tomaram-lhe nota da confissão, prenderam-no, revistaram-lhe as algibeiras. Ao encontrar-lhe n'um dos bolsos um revolver, perguntou-lhe o commissario:

— Mas o senhor matou-a a tiro?

— Nada. Isto era para me suicidar; á ultima hora faltou-me a coragem.

O cadaver da infeliz encontrou-se mutilado na Avenida de Clichy. Os alienistas vão examinar Thomaz Loste.

Cholera

Com data de 5, dizem de Madrid:

«Noticias de Manila annunciam que a epidemia do cholera alastra espantosamente. Todas as ilhas Philippinas estão contaminadas por tão terrivel flagello.

Na segunda-feira passada deram-se 5:390 casos novos e 3:092 obitos. Faltam medicos, remedios e desinfectantes. Os habitantes das cidades e das villas fogem para as montanhas abandonando os cadaveres e os enfermos.»

Herolismo d'uma mãe

Os jornaes americanos contam esta admiravel manifestação de heroidade maternal: A 8 de maio passado, quando se produziu o horroroso e terrivel cataclysmo que esmagou a cidade de S. Pedro com seus 30 mil habitantes, encontrava-se ancorado no porto um grande numero de navios. A' excepção de alguns que foram salvos por um cruzador francez, todos os restantes ficaram destruidos e mortas as suas tripulações. Pois n'um d'esses barcos, que a chuva ardente recobriu dentro d'alguns instantes d'um manto de fogo, encontrava-se uma

joven senhora que tinha ao collo uma creança de idade de um anno, quando muito. Essa dama e todos os outros passageiros precipitaram-se para o convés do navio, pois o calor tornara-se soffocante, nos beliches e camarotes, mas alli tiveram elles d'affrontar a tempestade mortifera que o vulcão vomitava. Pois essa mãe de que vimos falando, apesar de queimada dos pés até á cabeça, nenhum caso fez de tão atroz e horrivel soffrimento, não teve mais do que uma idéa, um pensamento: defender o fructo das suas entranhas! E assim, apertando o seu proprio filhiuho de encontro ao peito, tratou de o resguardar, abrigando-o com o proprio corpo. E a pobre mãe morreu, mas o filho foi encontrado com vida nos braços d'aquella que, para o salvar, se sacrificou!

Suicidio d'um estheta

Um rapaz de dezoito annos, chamado Luciano Groux, empregado do commercio e estheta apaixonado, suicidou-se ha dias em Paris, no seu domicilio da rua Legendre, d'uma maneira toda romanesca.

Depois de ter juncado de chrysanthemos brancos o seu quarto de dormir, acendeu um fogareiro e deitou-se na cama, tendo na mão uma flor.

Seu tio, surpreendido por o não vêr, arrombou a porta do quarto para saber o que se passava, mas já era tarde: o allucinado estava morto.

Um crime monstruoso

Um telegramma de Chicago noticia que se descobriu em Indianopolis um crime monstruoso. Durante os tres ultimos mezes foram violadas mil sepulturas do cemiterio d'aquella cidade. Lavrou-se, mandado de prisão contra um professor de anatomia e contra os empregados subalternos da Escola de Medicina de Indianopolis. Foram já detidos como cúmplices sete negros. Um d'elles declarou que o professor o tinha ao seu serviço para roubar cadaveres.

Consta que o professor acompanhou os profanadores de tumulos em algumas das suas expedições.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte
5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellentemente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO

DENTARIO

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrahе, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras.
R. DIREITA, 58, 1.ª Aveiro

Vinho puro de Bucellas

Este viuhо, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

COLONIAL OIL COMPANY

RUA AUGUSTA — 69 — LISBOA

Fornecedores do melhor petroleo do mercado

MARCAS DO PETROLEO AMERICANO "ATLANTICO,"
RUSSO "LUZ DO SOL,"

Ill.ªs Srs.

Desejamos acautelar o publico contra todas as imitações que agora existem no mercado, e pedimos que insistam em serem fornecidos com o petroleo das marcas acima mencionadas se desejem obter bons resultados.

Além d'isso rogamos-lhes a fizeza de dirigirem todas as encomendas directamente á Companhia ou ao nosso agente do seu districto

Albino Pinto de Miranda, Agente.

AVEIRO

COLONIAL OIL COMPANY
Rua Augusta — 69
Lisboa

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOLO!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espinhosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79